

Lugares da música numa distopia: a pandemia de 2020

Isabel Pereira Leite¹

*Para a Maria Luísa Malato,
a única pessoa que conheço capaz de
compreender todas as palavras aqui escritas.*

As utopias andavam por aí, nas bocas do mundo. Se havia, como há, quem as tratasse bem, também havia quem nada fizesse para revelar ao mundo o seu excepcional valor.

Aproveitadas consoante o humor e o saber de cada um, tinham começado a fazer correr muita tinta. A tal não era alheio o facto de se anunciarem já as comemorações dos 500 anos da “Utopia”, de Thomas More.

Como nada acontece por acaso, foi precisamente por essa altura que, passando na R. da Regeneração, no Porto, me deu para entrar na Livraria Utopia. A atração por livrarias e bibliotecas é coisa que faz parte de mim desde que me conheço. Nunca quis ser outra coisa senão bibliotecária. Aliás, é precisamente o que sou há 37 anos.

Não se trata, porém, de uma atração fatal, até porque continuo viva. Minha Mãe ainda hoje lembra, felizmente com alguma benevolência, as três idas ao Hospital Militar do Porto, onde meu Pai, então aí a trabalhar como médico, nos aguardava para me levar directamente a fazer uma lavagem ao estômago, simplesmente porque tinha comido umas boas folhas de papel.

Não sei, porque de nada me lembro, se, por aquela altura – convém explicar que tinha acabado de começar a gatinhar – eu me convencera de que devorar folhas de livros fazia com que mais rapidamente aprendesse a ler. Se assim era, vivia já numa utopia. Quer-me parecer, todavia, que era mais uma tendência para a asneira do que outra coisa qualquer.

Ou então não. Era já um sinal precoce de paixão.

Mais do que atracção, é paixão o que sinto pelos livros. Comecei, literalmente, por os devorar. Acredito que acabarei na mesma, porém em sentido figurado. Nisto consiste uma das minhas ambições.

Mas, voltando àquele dia em que entrei no nº 22 da Rua da Regeneração, que é o que, ao fim e ao cabo, aqui interessa, confesso que foi com o maior prazer que ali

¹. Bibliotecária. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

dei de caras com uma pequena obra da qual tinha já ouvido falar: “Eufonia ou A Cidade Musical-Novela do Futuro”, de Hector Berlioz. Nem mais! Tratava-se de uma edição de 2004, da &etc. Coisa deste século, reeditada após 160 anos.

Foi esta a minha leitura do dia 1 da quarentena: 14 de Março de 2020.

O que se segue resulta da conjugação de incontáveis perplexidades que me têm surgido, a cada passo, perante o que se transformou numa luta da humanidade pela sobrevivência.

Um grito de alerta da Terra que impiedosamente agredimos sem pensar nas consequências, como já a alguns ouvi dizer?

O resultado da nossa arrogância, sempre prontos a avançar, destemidos e impiedosos, num mundo que tornámos doente?

Fruto dos actos gratuitos, egoístas e orgulhosos deste ganancioso e insensato exército de 8.000.000.000 de pessoas, comandado por generais que o conduzem, desde meados do século passado, para o abismo, de uma maneira ou de outra, consoante a tática do momento?

O que sei eu?

Sei é que, confinada, com a minha família, à casa que tem sido o meu mundo, dou graças a Deus por não me faltarem livros. Livros que não vou devorar, mas que, em horas menos ocupadas com teletrabalho e lides domésticas, seguramente me permitem sair virtualmente deste confinamento e partir à descoberta de lugares distantes que agora (re)visito.

Eufonia, primeiro.

Trata-se de uma pequena cidade alemã, onde todos, sem excepção, se ocupam exclusivamente em cantar e tocar e com tudo o que possa relacionar-se com a música, incluindo a investigação ligada a esta arte.

Cada voz e cada instrumento têm uma rua com o seu nome, nela morando aqueles que se dedicam especificamente ao que tem a ver com os ditos. Os bairros estão, pois, muito bem organizados.

No alto de uma torre, dominando a cidade, há um órgão movido a vapor que apenas os eufonienses conseguem ouvir e perceber, o que é importante sempre que há ensaios e todos são chamados a tomar parte na execução de mais uma extraordinária peça. Diga-se, entretanto, que, ocasionalmente, os habitantes se juntam para tocar e cantar em “concertos de má música”, sendo esta sempre composta por outros que não eles.

“Algumas das obras-primas de má música, falsa na expressão e de estilo ridículo [...] meteram-lhes dó: parecia-lhes ouvir produções de crianças balbuciando uma linguagem que não compreendiam. [...] Mas quando foi cantada a fuga sobre Kyrie eleison da obra mais célebre de um dos grandes mestres da nossa antiga escola alemã e lhes foi afirmado que este trecho não havia sido escrito por um louco mas por um grande músico, que mais não fez do que imitar outros grandes mestres, e que ele próprio foi durante muito tempo imitado, não se pode descrever a sua consternação.” (Berlioz, 68)

Os ensaios, como, de resto, o dia-a-dia de Eufonia decorrem sob as mais strictas regras da severidade. Tudo é controlado. Aliás, o regime que vigora na cidade

é de cariz militar e despótico. Não pode haver lugar a qualquer devaneio interpretativo. A consternação seria geral.

“A educação dos Eufonienses é assim orientada: as crianças são treinadas desde muito cedo em todas as combinações rítmicas; em poucos anos conseguem não dar importância às dificuldades da divisão fragmentária dos tempos do compasso, das formas sincopadas, das misturas de ritmos inconciliáveis, etc; depois vem o estudo do solfejo, paralelamente ao dos instrumentos; um pouco mais tarde o do canto e da harmonia. Na altura da puberdade, nesse momento da eflorescência da vida em que as paixões começam a fazer-se sentir, procura-se desenvolver nelas o sentimento justo da expressão e a seguir do belo estilo.” (Berlioz, 63)

Eufonia é vista como um maravilhoso conservatório da música monumental. Mas será mesmo?

A música é alma e a alma é indómita. Berlioz, como romântico, cria esta fantástica Eufonia, mas define-lhe um destino catastrófico. A cidade emudece, depois de ser palco de uma tragédia amorosa que faz cair por terra a imaculada perfeição e a incontornável ordem que a sustentavam até então: *“a consternação pública foi tal que não só os cânticos, mas até mesmo as palavras fúnebres, foram proibidos.”* (Berlioz, 81)

Passemos ao Abade Pierre-François Guyot Desfontaines, o primeiro tradutor para a língua francesa de “As Viagens de Gulliver”, e à viagem de Jean Gulliver, filho do Capitão Lemuel Gulliver, conhecido de Jonathan Swift. Em 1730, o Abade relata-a na sua interessantíssima obra “O Novo Gulliver”.

Jean Gulliver navega entre várias ilhas, cada uma com as suas peculiaridades. Desembarcando, aqui e ali, o relato das suas aventuras é o que preenche esta deliciosa obra satírica.

Atentemos na Ilha de Foollyk, cujos habitantes são poetas que se dizem descendentes de Herosom, antigo e ilustre poeta, filho do Sol e da Lua. *“Ils adorent cet Herosom et lui rendent un culte solennel.”* (Desfontaines) A principal atração da ilha é a célebre feira que aí se realiza. Os Foollykeanos *“passent toute leur vie à composer des vers de toute espèce, qu'ils sont noblement débiter à la Foire dont il s'agit.”* (Desfontaines)

Mas será possível subsistir praticando tal comércio? De facto, a terra é estéril e os habitantes são pobres, porém *“heureusement on y méprise la richesse, et le commerce de vers, qui est le seul qu'on y fasse, suffit à la subsistance du peuple.”* (Desfontaines)

A Ilha dos Músicos, por exemplo, é um lugar muito simpático e pacífico, onde a música reina. Curiosamente, os seus habitantes pagam um tributo à Ilha dos Poetas, o que, de algum modo, nos leva a perceber que existe uma forte ligação entre a música e a poesia.

Do ponto de vista urbanístico, a ilha faz lembrar uma pauta musical. Caminhos, casas e jardins, dispostos segundo regras estabelecidas para todos, são elementos importantes que contribuem para a harmonia.

“Toutes les maisons sont tapissées d'opéras, de cantates, de ballets et de sonates ; le peuple ne parle qu'en chantant, et les choses les plus

communes donnent lieu à des récitatifs et à des airs de mouvement.”
(Desfontaines)

Os habitantes da Ilha dos Músicos falam numa cadência deveras agradável. O que se ouve na ilha não é senão o som de canções e de instrumentos que são tocados suavemente.

“Ils sont tout voix ou tout oreille, et ils semblent ne faire aucun usage de leurs autres sens, et moins encore de leur raison. Cependant si le raisonnement se pouvait noter, on assure qu'ils seraient fort raisonnables.” (Desfontaines)

Vendem, com sucesso, a sua “mercadoria” na feira de Foollyk, *“mais ordinairement ils font l'emplette de ce qu'il y a de plus mauvais, parce qu'ils ont l'art de faire paraître tout bon, en le frelatant savamment ; alors ils vendent fort cher ce qui leur coûte peu.”* (Desfontaines)

Desta extraordinária ilha, passemos a uma outra não menos extraordinária: a Ilha Musical. Imaginada por Alfred Jarry, escritor, poeta e dramaturgo francês, é descrita por René-Isidore Panmuphle, oficial de justiça que, juntamente com um babuíno, acompanha o Dr. Faustroll (Goethe terá algo a ver com este nome...), um Patafísico sábio e letrado que, obrigado a abandonar a sua casa, viaja *“de Paris à Paris par mer, comme un Robinson belge”* (Jarry, 674).

O babuíno Bosse-De-Nage *“ne savait de parole humaine que “Ha Ha””* (Jarry, 671), o que será deveras importante nos intervalos dos grandes discursos, uma vez que, como se revelará, há *“quelques significations plus évidentes des paroles Ha Ha”* (Jarry, 704), às quais, aliás, é dedicado um capítulo.

“Gestes et Opinions du Docteur Faustroll, Pataphysicien”, publicada em 1911, é um obra perfeitamente enquadrada no Simbolismo. De acordo com Michel Arrivé, que em 1972 edita e comenta a obra completa de Jarry, a Ilha Musical contém diversíssimas alusões a Claude Terrasse, compositor de operetas, como *“La Marquise et le Marmiton”* (1907) ou *“Faust en Ménage”* (1924). (Jarry, 1229)

A Ilha Musical é um lugar no qual os mais primitivos e arcaicos instrumentos musicais constituem a vegetação e as plantações existentes, havendo, até, um órgão a vapor numa estufa.

As plantas florescem por ocasião do solstício de Verão, o que significa que o som produzido por todos esses fantásticos instrumentos como que explode nessa altura. Aliás, no solstício de Inverno, deixa de se ouvir.

A medição mais importante para o equilíbrio na ilha é a sonoridade atmosférica, cujos valores são obtidos por sirenes, uma espécie de termómetros.

A música também provem do céu. Os anéis de Saturno são hábeis com os jogos de sinos; o Sol e a Lua reproduzem, com graciosidade, o som dos címbalos.

O Senhor da Ilha, no seu trono perfumado, tece loas à sua própria criação:

“Heureux le sage qui, sur la colline où il habite, se plaît à entendre le son des cymbales; seul dans son lit, en s'éveillant, il demeure en repos, et jure que jamais il ne révélera au vulgaire le motif de sa joie!” (Jarry, 693)

Não se cansa de escutar um poderoso coro que advoga a boa vida, a alegria e a paixão como verdadeira receita para a felicidade.

Mas há outros lugares.

O que dizer da “História de um Quebra-Nozes”, que Alexandre Dumas, baseado num conto de Hoffmann, escreve em 1844? Que ainda hoje é dançada pelos mais afamados bailarinos, a partir de uma composição que Tchaikovsky apresenta em 1892, para delícia de muitas gerações, será o mais óbvio.

O menos óbvio será, talvez, enquadrá-la nas utopias mais conhecidas. E daí, talvez não. Há um sonho, e dentro do sonho vão acontecendo situações protagonizadas por personagens imaginadas. Mas há, também, uma realidade. Há desejos e vontades, que tanto podem ser cumpridos, como não. O maravilhoso e o fantástico estão sempre presentes. E tudo isto cabe dentro de uma narrativa saída da imaginação de um bem real Dumas!

Tudo começa em Nuremberga, na véspera de Natal. Fritz e Marie Silberhaus, filhos do Prefeito da cidade, estão empolgados e falam dos presentes extraordinários que o Senhor Drosselmayer, um médico não muito dedicado à profissão, por preferir passar o tempo a concertar relógios (determinantes, nesta trama) e a aplicar os seus vastos conhecimentos de anatomia na construção de brinquedos mecânicos, lhes há-de trazer.

Fritz comenta, desapontado, com sua irmã que

“quelque chose qu’il apporte tu sais bien que ce ne sera ni pour toi ni pour moi, attendu que, sous le prétexte que les cadeaux de parrain Drosselmayer sont de vrais chefsd’œuvre, on nous les reprend aussitôt qu’il nous les a donnés, et qu’on les enferme tout au haut de la grande armoire vitrée où papa seul peut atteindre” (Dumas, 23).

Ah, os adultos desmancha-prazeres...

Marie receberá do Padrinho Drosselmayer uma boneca, que logo passa a chamar-se Claire, e Fritz um batalhão de soldadinhos. Entretidos, não se apercebem de que do outro lado do biombo está algo mais. Há outras surpresas do engenhoso benfeitor, mas também, junto da árvore de Natal, *“un charmant petit bonhomme qui, silencieux et plein de convenance, attendait que son tour vint d’être vu.”* (Dumas, 37)

É um presente do Pai Silberhaus: *“C’est le travailleur commun; c’est celui qui est chargé à l’avenir de casser pour vous toutes les noisettes que vous mangerez; et il appartient aussi bien à Fritz qu’à toi, et à toi qu’à Fritz.”* (Dumas, 40). Logo é feita uma demonstração, o que deixa Marie encantada. No entanto, Fritz, depois de partidas algumas nozes, sem grande jeito, estraga o quebra-nozes, para desespero da irmã, inconsolável, que o reclama para o poder proteger. O Pai intervém:

“Pardieu ! ma chère filleule, je ne comprends pas comment une jolie petite fille comme toi peut être aussi aimable pour cet affreux petit bonhomme.” (Dumas, 47)

Durante a noite, grandes aventuras acontecerão e terá lugar uma nova história na qual Claire e o Quebra-Nozes se destacam, entre brinquedos, doces e personagens com tanto de extraordinário como de sinistro. Marie acaba por se magoar no braço e quando desperta, com o quebra-nozes bem seguro na mão, perante a incredulidade

geral, conta peripécias mirabolantes, com ratos à mistura, afirmando que o seu próprio Padrinho havia lá estado e sabia que tudo o que ela relatava era verdade. No entanto, e para seu enorme espanto, o Senhor Drosselmayer diz que não, enquanto recita os versos de uma canção um tanto misteriosa e, discretamente, lhe sussurra algo ao ouvido. Posto isto, eis que se dispõe a contar a Marie a história da Noz Krakatuk e da Princesa Pirlipate, num reino sem nome, algures, ali perto.

É uma história absolutamente extraordinária, na qual o jovem sobrinho Drosselmayer, a quem chamam Quebra-Nozes, tem um papel importante. Marie não perde um detalhe, de atenção presa do princípio ao fim. Ao concluir, o Padrinho diz “*voilà pourquoi l’on dit maintenant d’une chose difficile: «C’est une dure noisette à casser.»*” (Dumas, 155). Também nós ficamos, assim, a saber.

Terminada a narrativa, Marie, que lhe descobre o sentido, embarca em novas aventuras, tendo como elemento fulcral o “seu” Quebra-Nozes, que é nem mais nem menos do que o jovem Drosselmayer, que na história anterior tinha sido vítima de um feitiço que o transformara num boneco. Tudo continua a acontecer durante a noite.

Determinada em salvá-lo, apesar do que lhe dizem – “*Mais où donc, va-t-elle chercher toutes les sottises qui lui passent par l’esprit ? – Elle a l’imagination très vive, et, au fond, ce ne sont que des rêves et des visions occasionnés par sa fièvre.*” (Dumas, 161) – Marie vai ter de se haver com o malvado e vingativo rei dos ratos, que não cessa de a atormentar. O rei e a rainha dos ratos, bem como os seus poderosos exércitos, são, aliás, os principais inimigos a combater. A nossa heroína terá, desta vez, a ajuda de Fritz e dos seus soldados. Quebra-Nozes será salvo e conduzi-la-á ao Reino das Bonecas (Royaume des Poupées), onde Marie encontra Claire, a sua boneca, e à Cidade dos Doces (Confiturembourg), lugares mágicos e encantadores, nos quais, antes do feitiço, Quebra-Nozes reinava.

Quando, passada a noite, Marie acorda, de pouco lhe vale contar o que lhe aconteceu, porque continua tudo a ser inacreditável “*et, quand son père, impatienté de ce qu’il croyait un entêtement de sa part, l’eut appelée menteuse, elle se mit à fondre en larmes et à s’écrier*” (Dumas, 200)

Seja como for, “*lorsqu’on a voyagé une fois dans un pays aussi attrayant que le royaume des poupées, et qu’on a vu une ville aussi succulente que Confiturembourg, ne l’eût-on vue qu’une heure, on ne perd pas facilement un pareil souvenir*”, pensa Marie. (Dumas, 204)

“História de um Quebra-Nozes” termina com um feliz acontecimento: o jovem Drosselmayer, sobrinho do Padrinho de Marie, pede a sua mão em casamento, para contentamento geral. Curiosamente, ou talvez não, é em tudo igual ao Quebra-Nozes que fora presente de Natal, ao Quebra-Nozes da história da Princesa Pirlipate e ao Quebra-Nozes salvo por Marie.

Chegado o grande dia, partem ambos em direcção a um lugar extraordinário, que Marie reconhece de aventuras passadas e onde encontra maravilhas de vária ordem.

“Enfin, toutes sortes de choses magnifiques et miraculeuses, pourvu qu’on ait d’assez bons yeux pour les voir.” (Dumas, 211)

De criança sonhadora, apesar de tantos apesares, Marie passa a rainha, ao lado do seu amado Quebra-Nozes. O que é que separa, afinal, o sonho da realidade?

No dia 18 de Dezembro de 1892, estreia em S. Petersburgo um *ballet-féerie* que Tschaikovsky compõe e que Ivanov, baseado numa adaptação de Petipa,

coreografa. Não se trata, propriamente, de uma adaptação do conto de Dumas, mas sim de “Nussknacker und Mausekönig”, que Hoffmann publica em 1816.

Ao longo do s. XIX, o Quebra-Nozes foi assumindo uma crescente importância no imaginário colectivo. Continua, em 2020, a fazer parte das nossas utopias. Por mais que tenhamos deixado de ser crianças, pelo menos admiramos a beleza intemporal desta espécie de “irmandade das artes”. E isso é essencial.

O périplo continua, mas não necessariamente no enalço de lugares musicais, porque há outros igualmente fabulosos, como alguns dos que Charles Kingsley apresenta em “The Water-Babies: a fairy tale for a Land-baby”, em 1863.

Tom, um limpa-chaminés, cai ao rio, transformando-se num bebé da água que experimentará inúmeras aventuras, entre os muitos seres extraordinários que vai conhecendo e os lugares que visita.

Nesta fantástica obra de Kingsley, que se revela um inesgotável repertório de refinadíssima imaginação e acutilante espírito, vale a pena destacar três lugares, descritos já no final da aventura de Tom.

Um deles, é a Ilha dos Burros Dourados (Island of the Golden Asses), onde os pretensiosos que pensam que tudo sabem se transformam em burros de orelhas de um metro, “*for meddling with matters which they do not understand*” (Kingsley). Assim se manterão enquanto os muitos cardos que existem na ilha não passarem a rosas.

Sendo burros, é neles que os visitantes se deslocam quando chegam à ilha, pelo que vivem satisfeitos com o enorme tamanho das suas orelhas, por se sentirem mais protegidos de abusos.

Perto desta, encontramos a Ilha do Boato (Great Land of Hearsay), palco de constantes guerras. Havendo lutas contínuas, há sempre soldados no activo. Para ir resolvendo disputas, o mais eficaz é tapar-lhes as orelhas e fugir a alta velocidade:

“All their strategy and art military consisted in the safe and easy process of stopping their ears and screaming “Oh, don’t tell us!” and then running away.” (Kingsley)

Toda a gente corre sem parar, passando sistematicamente pelos mesmos lugares. Destaca-se um gigante que carrega com ele tudo o que há de mais improvável. Bisturis, redes de caça às borboletas, microscópios, telescópios, pequenas caixas, garrafinhas, aparelhos de fotografia, mapas, pipetas, etc, etc, etc.

Estranhamente, corre para trás, sempre para trás, o que o leva a queixar-se de que as gentes da ilha o perseguem, sem dó nem piedade. É um gigante triste, que apenas pretende dizer algo de útil aos que o perseguem. Como tal é impossível, jamais se livrará desta perseguição.

Numa extraordinária conversa, diz ele a Tom: “*Ah, you lucky little dog! If I had only been where you have been, to see what you have seen!*” E Tom responde-lhe que basta querer experimentar o que ele, Tom, experimentou.

“Turn into a baby, eh? If I could do that, and know what was happening to me for but one hour, I should know everything then, and be at rest. But I can’t; I can’t be a little child again. [...] I have a destiny before me, they say: though what it is I don’t know, and don’t care.” Tom reage, incrédulo: “*Don’t care?*” “*No. Do the duty which lies nearest you, and catch the first beetle you come across, is my*

motto; and I have thriven by it for some hundred years. Now I must go on. Dear me, while I have been talking to you, at least nine new species have escaped me.” (Kingsley)

Ainda de referir, temos o País dos Papéis Velhos (Wast-Paper-Land), onde o papel dos livros é fonte de lucro. Tudo o que é livro mau (e pode ser mau de incontáveis maneiras) é transformado em livro ainda pior.

Os habitantes deste bizarro país dedicam-se a esta tarefa, obtendo lucro com a venda do pó que sacodem dos infindáveis livros espalhados em pilhas pelo chão de todo o território.

De resto, mais adiante, Tom depara com algo que lhe dará que pensar: *“all the little people in the world, writing all the little books in the world, about all the other little people in the world, probably because they had no great people to write about.”* (Kingsley)

Kingsley termina a obra, dirigindo-se aos seus leitores:

“And now, my dear little man, what should we learn from this parable? We should learn thirty-seven or thirty-nine things, I am not exactly sure which. [...] But remember always, as I told you at first, that this is all a fairy tale, and only fun and pretence; and, therefore, you are not to believe a word of it, even if it is true”. (Kingsley)

“The Water-Babies” têm sido, desde 1902, sucessivamente adaptados ao cinema e ao teatro e foram já, muito particularmente, um enorme sucesso como musical. Em 2014, Ed Curtis, Guy Jones e Chris Eagen apresentaram, em Leicester, uma versão que ainda hoje corre mundo.

Intencionalmente, por terem já sido abordados com algum detalhe noutros textos que publiquei, os lugares fantásticos congeminaados por Tolkien, Carroll, L. Frank Baum e Norton Juster não são, literalmente, para aqui chamados. Porém, permanecem na minha memória.

Muita coisa, com o passar dos anos, se esfuma. Mas o fervilhar da imaginação alheia continua a ecoar na minha mente e no meu coração. De uma maneira ou de outra, sempre, sempre com música ao fundo.

Sem necessidade de qualquer apresentação, Daniel Barenboim, que não se cansa de demonstrar que pelo poder da música tudo se liga, é, neste contexto, um nome incontornável.

Confesso “discípulo” de Espinosa, tem feito um percurso extraordinário. Traduzir o seu pensamento em palavras não lhe faria jus. Mas podemos pegar nalgumas das suas ideias.

Diz Barenboim, por exemplo, que através de sons luminosos e escuros, provindos do silêncio, a música ecoa no mundo unicamente porque encontra naquele que a toca a energia necessária para tal. Se não houver quem a interprete com entrega e paixão, morre inexoravelmente. A música é, assim, o espelho da Vida. É um todo, simultaneamente abstracção e compreensão em permanente diálogo. Não contém, ao contrário das palavras, associações limitadas.

“Na música, alegria e tristeza existem em simultâneo e permitem-nos experimentar uma sensação de harmonia. A música é sempre

*contrapósitica, no sentido filosófico do termo.” (Barenboim, 27).
“Aquela que, em última análise, é talvez a lição mais difícil para o ser humano – aprender a viver com disciplina, mas também com paixão – está patente em cada frase musical.” (Barenboim, 27)*

Só pela integração de todos os aspectos da condição humana se pode alcançar a verdadeira felicidade. Nada é dispensável. Razão e emoção a par, sempre. De resto, é no infinito que se baseia a finitude do homem. O ser humano não é a causa de si mesmo, porque só Deus é a causa de Si mesmo e de todas as coisas. Por isso, a música, diz Barenboim, reflecte a infinidade de possibilidades que temos à nossa volta, precisamente porque a finitude de qualquer interpretação se baseia nisso. Como intérpretes e executantes somos finitos, temporários, de uma partitura que é substância infinita. Não há contradição entre uma coisa e a outra. Espinosa e Barenboim, filósofo e maestro, separados no tempo e no espaço, numa busca permanente de um todo, encontram-se numa linguagem metafísica que, expressa de diferentes formas, expõe a existência humana, a relação entre o indivíduo e o Criador, a humanidade e o universo.

Daniel Barenboim nunca deixou de afirmar que a Orquestra do Divã Ocidental-Oriental se havia tornado na coisa mais importante da vida de Edward Said e da sua própria. Vindo-lhe o nome de uma colectânea de poemas de Goethe, a Orquestra nasce em 1999 como linguagem de diálogo contínuo num enquadramento musical.

“Através da música é possível imaginar um modelo social alternativo em que a utopia e o pragmatismo unam esforços permitindo-nos exprimir-nos livremente e ouvir as preocupações uns dos outros. Este modelo permite-nos entrever o modo como o mundo pode e deve funcionar, e por vezes funciona mesmo. É nossa convicção, desde o princípio, que os destinos dos nossos dois povos – Palestinos e Israelitas – estão indissoluvelmente ligados e que por isso o bem-estar, a dignidade e a felicidade de um têm inevitavelmente de ser o do outro.” (Barenboim, 73)

O Papa Francisco é uma das vozes que, nos momentos de provação, se faz sempre ouvir. As palavras que dirige ao mundo apelam à consciência dos povos e dos indivíduos, começando pelos seus governantes.

Encontramo-lo em interpelação constante, face ao que mais agride a condição humana. Não ao medo! Sim à Esperança! Em verdadeira fraternidade, solidariedade e união na Fé, assim há que caminhar. Enfrentar o mal que nos assola, acreditando que o Bem é o único meio de o derrotar.

“Todos somos chamados a remar juntos, todos carecidos de mútuo encorajamento no barco em que estamos todos.” “Ninguém se salva sozinho. Com Deus, a Vida não morre jamais.”, afirmava o Papa na sua Oração pela Humanidade, à qual o Mundo pôde assistir no dia 27 de Março de 2020, a partir de uma Praça de S. Pedro completamente vazia. E exortava-nos a não ter medo, porque não estamos sós. Alguém vela, mesmo que nos pareça adormecido, como pareceu aos discípulos, a bordo do barco, em plena tempestade.

“O princípio da Fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes; sozinhos afundamo-nos. Precisamos do Senhor, como os antigos navegadores, das estrelas.” (Francisco)

Que todos sejamos um só na Fé que nos liberta do medo, trazendo a Esperança! Indiferentes uns aos outros, nunca! Dói, quando sentimos que ninguém se importa connosco e nos vemos a perguntar, sobretudo aos mais próximos, “e eu, não estou aqui?” Ao reajustar a rota da Vida rumo à Luz, sentiremos o conforto da companhia e a confiança voltará a habitar-nos.

Este é o momento em que me acho abençoada por me sentir, como, por mais difícil que pareça, todos poderão sentir-se, criatura de Deus a usufruir de um tempo que tem sido de dúvidas, naturalmente, mas também de confiança.

Relativamente à questão do tempo, e não apenas a este tempo de Quaresma, existe o passado, o presente e o futuro que constantemente reposicionamos pelo simples facto de o presente ser o que há de mais volátil na vida.

O que é que temos feito do tempo? Temos estado à altura do que nos tem sido concedido – todo um tempo traduzido em cada momento do nosso quotidiano? Continuamos a achar que é nosso e que o uso que fazemos dele só a nós diz respeito?

Devia ser um tempo de escuta. Um tempo para nos ouvirmos a nós próprios e uns aos outros. Com humildade e aceitação. Só assim cada um poderá encontrar o seu caminho e perceber que todos os caminhos se cruzam em determinados pontos – é nesses pontos que paramos para descansar e procurar saber, uns dos outros, que experiências colhemos das nossas caminhadas e que ideia fazemos do que nos espera. Ao ponto de encontro seguinte, poderá acontecer que alguns já não compareçam. Haverá momentos de silêncio, mas nunca de um silêncio estéril, porque não estaremos sozinhos. Deus é também silêncio.

Quaresma e quarentena coincidem em 2020. Poderão dizer que se trata de um acaso. Permito-me acreditar que não há acasos. Nada acontece por acaso.

Estamos no início da 3ª década deste século, sem certezas nem garantias relativamente ao desfecho desta guerra que todos travamos contra um inimigo que, pela primeira vez, é o mesmo que ameaça os povos do planeta inteiro. Pela primeira vez!

Este é um tempo de reflexão, de recolhimento, de Verdade, de cumprimento de promessas. É um tempo em que novas formas de fraternidade se vão construindo. O sentimento é comum: unidos venceremos! O compromisso é de todos: em casa, num ambiente em que a Paz possa instalar-se, reflectamos, por exemplo, no que os construtores das catedrais conseguiram erguer.

As catedrais continuam onde sempre estiveram. Esperam pela nossa visita. Quando será isso possível? Amanhã, não, com certeza, nem na próxima semana, nem no próximo mês. Mas a memória de todas elas permanece em nós.

Agora é o momento de perceber que todos podemos construir a nossa própria catedral e, dentro dela, descobrindo nos vitrais a maravilha de cada detalhe, pensar nos 7 dons do Espírito. Os dons desta Quaresma: o dom do respeito, que é maravilhamento; o dom do amor filial, que é protecção; o dom do saber, que é ciência; o dom da força, que é coragem; o dom da humildade que é aceitação; o dom da sabedoria; que é sensatez; o dom da inteligência, que é entendimento. (*Carême*)

A Páscoa não deixará de acontecer no dia 12 de Abril deste ano de 2020. Às 0.00h os sinos repicarão no mundo inteiro e nós, nas nossas casas, ouvi-los-emos e agradeceremos, confiantes, cada momento das nossas vidas.

É verdade que o tempo corre, corre sempre, mas o que nos envelhece é a falta de amor, não é a sucessão inexorável dos dias, porque estes, estes terão o sentido que lhes atribuímos.

Este sentido tem de ser um único – o Amor. “*Quem não me deu Amor não me deu nada*” (Ruy Cinatti). Como é que se dá Amor? Onde é que se encontra Amor? Parece alheado do nosso quotidiano. Há que o resgatar.

O que pode salvar o Amor é precisamente o Amor. Mas uma coisa é saber-lhe da necessidade; outra é ter vontade de o construir. Passar de uma para a outra é apostar na Vida. Quem lhe toma o gosto, nunca mais o esquece, porque “*Viver é um verbo enorme, longo*” (José Luís Peixoto).

O horizonte de cada um sempre será limitado pela sua própria condição humana. Nenhum de nós ficará aqui para sempre. É em conjunto, como um todo, em que pesam o passado e o presente que temos de encarar o horizonte. Não há volta a dar a isto. O individualismo não faz sentido. Quem acredita que autossuficiência rima com sobrevivência ignora que sobreviver e viver são formas profundamente diferentes de Ser.

De que vale um mundo de que tenhamos desistido? Um mundo de pedra que, cegos, surdos e mudos que escolhermos ser, se torne inanimado?

O mundo de que todos temos de tomar conta, nem que seja só porque não temos outro, cada vez mais se revela um desconcerto. E depois? É dentro dele que continuam a caber todas as utopias. As nossas utopias do quotidiano, as utopias de gerações e gerações.

Um mundo em que cabe toda a Esperança!

Porto, Quaresma – Quarentena de 2020

Bibliografia e Webgrafia:

BARENBOIN, Daniel (2009) – *Está tudo ligado: o poder da Música*. Lisboa: Bizâncio.

BERLIOZ, Hector (2004) – *Eufonia ou A Cidade Musical*. Lisboa: &etc.

DESFONTAINES, Pierre-François Guyot (1730) – *Le Nouveau Gulliver ou Voyage de Jean Gulliver, fils du Capitaine Gulliver*. À Paris: Chez la Veuve Clouzier et François Le Breton. Sem paginação.

<https://www.wissensdrang.com/dgulfr.htm> (consulta feita em 30/3/2020)

DUMAS, Alexandre (20..) – *Histoire d'un Casse-Noisettes et autres contes*. Québec: BeQ.

<https://beq.ebooksgratuits.com/vents/Dumas-contes.pdf> (consulta feita em 2/4/2020)

FRANCISCO, Papa (2020) – *Oração pela Humanidade*. Sem paginação.

<https://saomamededeestedebraga.wordpress.com/2020/03/28/texto-da-homilia-do-papa-francisco-27-de-marco-2020/> (consulta feita em 29/3/2020)

JARRY, Alfred (1972) – *Gestes et opinions du Docteur Faustroll, Pataphysicien* in *Oeuvres Complètes*, v. 1. Paris: Gallimard.

KINGSLEY, Charles (1889) – *The Water-Babies: a fairy tale for a Land-baby*. London: MacMillan. Sem paginação.

<http://www.gutenberg.org/files/1018/1018-h/1018-h.htm> (consulta feita em 6/4/2020)

Carême dans la Ville (site des Frères Dominicains du Couvent de Lille)
<https://www.youtube.com/watch?v=rBzjSokA-XI> (consulta feita em 6/4/2020)

Recebido para publicação em 28-03-20; aceito em 24-04-20